

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 2

SUMMARIO — O tanger dos sinos, pelo dr. Sousa Viterbo — Noticias da freguezia de Alcaíça, por Valdez — Plinio, o naturalista, e a Lusitania — Relatorios da Bibliotheca da Associação — As nossas gravuras — O architecto Boytaca — O castello da Feira — O Sansovino em Portugal — Um programma de archeologia — O legado Theodoro da Motta — O livro de V. d'Almada sobre Elvas — Correspondencia — Extractos das actas

O TANGER DOS SINOS

(Providencias ecclesiasticas adoptadas no seculo XVI)

É o sino um dos instrumentos mais bellos do culto catholico, quer nos cante as alegrias da vida, quer exprima as tristezas da morte, sobretudo quando a voz do bronze se faz ouvir nas quebradas da montanha, na solidão das aldeias, á hora melancolica do pôr do sol. O toque das ave-marias, compassado, melodioso, vem palpitante d'uma poesia indefinida, que tanto impressiona as almas rudes como faz vibrar o cerebro de maior cultura intellectual. Chateaubriand, Schiller, Herculano, para não citar senão alguns nomes da litteratura profana, deixaram-se enlevar pela harmonia do campanario e no verso e na prosa traduziram deliciosamente as impressões d'esse muezzim do bronze, que falla mais alto do que a voz do homem e que repercute de algum modo, longiquamente, a voz do eterno. Mas se o dobre do sino, n'estas condições, tem um encanto irresistivel, ha circumstancias em que elle se torna insupportavel, em que o seu martellar é um verdadeiro pezadello. Que o diga quem tantas vezes, ou na hora silenciosa do estudo, ou no momento afflictivo d'um desgosto intimo, sente o badalar importuno d'um sino ridiculamente galhofeiro, melindrando o ouvido e o sentimento com as canções brejeiras das operetas em voga. N'estas cir-

cumstancias o sino produz-nos o mesmo effeito que um padre, que, em vez de entoar as matinas ou de cantar o responso em volta d'um sarcophago, estivesse batendo o fado, n'um acompanhamento obsceno de guitarras.

Ha annos houve um governador civil em Lisboa, o conselheiro Arrobas, que, apiedando-se dos nossos ouvidos, produziu um ukase contra as arbitrariedades e profanações philarmônicas dos srs. sineiros, mas as providencias então adoptadas foram cabindo em desleixo e o abuso dos impenitentes *Quasi modo* continúa florescendo. O mal, porém, não é de hoje, é muito antigo, e o conselheiro Arrobas teve antecessores. Em 1541—ha tres seculos e meio!— a auctoridade ecclesiastica, o arcebispo de Lisboa, D. Fernando, attendendo aos queixumes das pessoas principaes da cidade, publicava um alvará regulando o toque dos sinos, e impondo graves penas pecuniarias a quem o não cumprisse á risca. São curiosos os fundamentos do seu alvará. O toque frequente dos sinos não só dava logar a que elles se partissem, mas quebrava a devoção nos catholicos sinceros, que de certo não deixariam de rogar a sua praga quando a sinalhada os apoquentasse. Se o conselheiro Arrobas fosse vivo, subscreveria gostosamente o alvará do arcebispo e seria o primeiro, com o seu braço secular, a pô-lo em execução.

Quer-nos parecer que prestaremos um serviço

publicando esse documento, curioso para a historia do direito ecclesiastico, para a historia dos costumes e da linguagem da epoca. Eil-o na sua integra este monumentosinho da archeologia religiosa do seculo xvi:

«Dom Fernamdo per merce de D.^s e da santa Igreja de Roma metropolitano arcebispo de lizboa, do conselho delRey meu sñor e seu capelão mor, etc, fazemos saber aos que este noso alvará virem que muytas das p.^{as} (pessoas) p^{ri}ncipaes da dita cidade e asy outras nos fizeram saber per suas enformações como nas Igrejas da dita cidade pelos tesoureiros dellas se tangia muy a meudo os synos pelos defuntos e muito tempo por cada defunto e que sendo as freguesyas da dita cidade pela mayor parte de muytos moradores se aconteçya muytas vezes aver finados em modo que os synos das Igrejas se tangiam casi todo dia e toda a noite em especyall por se dar algum pouquo de dinheiro aos tesoureiros das Igrejas para que tangessem muytas vezes e comprido o que era causa que pela mayor parte os visinhos das taes Igrejas recebiam niso mao trato e viziuhança o que tamhem podia ser causa de rezarem pouquo pelas allmas dos ditos defuntos e não per pompa e vaidade e asy hera causa pera os synos quebrarem ameude e se receber niso perda e por que ho tanger dos ditos synos ao tempo do falecymiento das pesoas e asy ao tempo dos saimentos sómente se hordenou para os fieis xpãos (christãos) com caridade rezarem pelas allmas dos ditos defuntos e não per pompa e vaidade do mundo mandamos a todos os p^{ri}ores, viguayros, curas, benefyciados e iconymos que tenerem carreguo de gouernar as igrejas e asy aos tesoureiros delas que por cada hum defunto homem tangião somente tres synaes loguo ao tempo do falecymiento de cada hum deles e depois ao tempo de os tyrarem de casa hum e ao tempo de os lançar na cova outro e cada hum dos ditos synaes não posa mais durar que ho espaço que durão lhas ave marias quando se tangem a noite sobpena de o tal p^{ri}or, viguayro ou cura ou benefyciado ou leonimo pagar por cada vez cem reis de alljube e alem da dita pena paguará o tezureyro outros cem reis de aljube e sendo caso que cada hum d'elles caya na dita pena de cimquo vezes acyma paguará dehi em diamte quinhentos rs. e quando se ouuerem de fazer saimentos se farão tres synaes pello homem e dous por molher nem seram mays compridos do que dito he e sob a mesma pena e sendo caso que allguma pesoa queyra mays synais podera pedir a nos ou a noso prouisor p.^s se ver se ha hy causa de se dar e parecendo que se deve dar se dara e porem em tall caso o que pedir a tal licemça depositará dinheiro ou prata que abaste para o corregimento dos taes synos se se acomtecer hum todos quebrarem no tal tanger e o deposito será na audiencia do noso viguayro e se julgará por sem-tança e quando se a tal licemça ouuer de dar não seja para mays synaes que ho dobro do que dito he e cada pesoa nem mais compridos do que dito he. As quaes penas aplicamos ao noso m.^{to} e porem sendo caso que ele as não demãde no lugar homde estiuer dentro em cymquo dias e nos outros outrem por ele abemos por bem que quallquer p.^s posa requerer a dita pena e aver os dous terços dela e dará o outro terço ao dito meirinho e mãdamos ao noso

viguayro gerall desta cidade e asy ao de santarem e a todos os padaneos em suas comarcas que asy o julguem sem apellação nem agrauo sem allguma longura de juizo e que loguo emcomtynente fação execuçam sem por a yso duida allguma e posto que os ditos cymquo dias pasem sem o m.^{to} ou outrem per ele ou per sy demãdar a dita pena avemos por bem que em qualquer tempo cada hum deles a posa demãdar e lhes seja julguado como dito he. Dado em lizboa sob noso synal e sello. esteuão glz de bulhão o fez escreuer e sobscreei de minha mão ao primeiro de nouembro de mill b^o R j. E não pasará pola chancelaria.

O Arcebispo de Lisboa.»

Ao fundo:

«Regimento sobre o tanger dos synos polos defuntos ao tempo de os emterramentos e dos saimentos para a ygreja de são João de mocharro.»

Copiamos este diploma d'um codice, que pertenceu ao distincto archeologo Borges de Figueiredo, e que se acha hoje em nosso poder. E' o *Livro das visitasões da egreja de S. João de Mocharro da Villa de Obidos* e comprehende documentos de 1447 a 1560.

SOUSA VITERBO.

ALGUMAS NOTICIAS PARA A DESCRIPÇÃO HISTORICA DO LOGAR E FREGUEZIA DE ALCAINÇA

Obras consultadas para a coordenação d'estas noticias:

Capellas da Corôa, L.^o I — *Torre do Tombo. Registo*, L.^o XXIII — no Real Arch. da Torre do Tombo.

Mss. Pombal - *Inventario* — Cod. n.^{os} 179 e 196 na Bib. Nac. de Lisboa.

Livro das grandezas de Lisboa, pelo P. N. de Oliveira.

Geog. hist., por D. L. C. de Lima.

Chorog. portug., pelo P. A. Carvalho da Costa.

Dic. geog. de Portugal, pelo P. L. Cardoso.

Descrip. corog. de Portugal, por A. de Oliveira Freire.

Vest. da lingua arabica em Portugal, por F. J. de Sousa.

Estat. de Portugal, População — Censo, 1.^o janeiro 1878.

Dic. postal corog. de Portugal, por J. B. da Silva Lopes.

O lugar de Alcainça é séde da freguezia de S. Miguel do patriarchado de Lisboa, no concelho de Mafra, districto administrativo de Lisboa.

Fazem parte d'esta freguezia os logares da Malveira e Carrasqueira, os Casaes da Abrunheira, Casaes do Moinho, Casal dos Moinhos, Casal Novo, Lage, Casal da Pedra e parte do lugar da Venda do Pinheiro, pertencendo a outra parte á freguezia

de S. Miguel do Milharado, tambem do concelho de Mafra.

Alcainça é palavra derivada do arabe, composta de *alcai* o encontro, e de *nêça* as mulheres; e significa pois, povoação do encontro das mulheres.

A egreja parochial está no lugar de Alcainça, denominada Grande; porque proximo está outro lugar, que, para se differençar, chamam Alcainça Pequena, que pertence á freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova do mesmo concelho de Mafra.

É o lugar de Alcainça Grande, ou simplesmente Alcainça, um lugar pittoresco, assente na encosta sul de um monte, e do lado esquerdo da linha do caminho de ferro em viagem ascendente de Lisboa a Torres Vedras, entre as estações de Mafra e Malveira, realçando em meio do verde dos pinheiros, do matto da serra e do campo cultivado, as casas bem caiadas, e em baixo, proximo á estrada districtal, a egreja com seu campanario.

Em 1620 tinha esta freguezia noventa fogos com tresentas pessoas, em 1736 noventa e oito fogos com tresentos sessenta e seis habitantes, em 1747 era a população cento e cinco visinhos, e em 1878 o censo no primeiro de janeiro indica cento e oitenta fogos com tresentos setenta e dois varões e tresentas quarenta e duas femeas.

O lugar de Alcainça tem trinta e sete fogos.

Era priorado que apresentava o visconde de Villa Nova da Cerveira, e depois o marquez de Ponte de Lima, donatarios, que foram de Mafra, e senhores directos de muitos terrenos n'esta freguezia.

Rendia para o parochio, no seculo decimo oitavo, uns tresentos mil réis.

Governava-se até 1833 pelo juiz de vintena, sujeito á correição do juiz de fóra de Cintra e ao corregedor e provedor da comarca de Alemquer. A comarca de Alemquer era antigamente muito extensa, abrangia oito villas: Cintra, Alemquer, Aldeia Gallega da Merceana, Chamusca, Ulme, Caldas da Rainha, Obidos e Salir do Porto, com cincoenta e cinco freguezias. Actualmente no judicial pertence a freguezia de S. Miguel de Alcainça á comarca de Mafra.

Da instituição da freguezia nada se póde averiguar, sendo com certeza dos primeiros tempos da monarchia. A noticia mais antiga que pude encontrar é de 25 de março de 1321 «a taxa de setenta e cinco libras na egreja de S. Miguel de Alcainça» decima, que el-rei D. Diniz, durante tres annos, para subsidio da guerra contra os mouros, lançou sobre todas as rendas ecclesiasticas do reino; exceptuando d'esta decima as egrejas, commendas e beneficios pertencentes á ordem de S. João de Jerusalem, do Hospital ou de Malta «porque os pro-

fessos d'ella se empregavam continuamente em militares exercicios contra os mesmos infieis.»

Foi o papa João XXII, no quarto anno do seu pontificado, que fez esta concessão a D. Diniz, por bulla dada em Avinhão a 23 de maio de 1320, e foram juizes executores, na conformidade da mesma bulla, o bispo de Coimbra D. Raymundo, o deão da mesma cathedral D. Gonçalo de S. Jorge, e o nuncio, que era n'aquelle tempo em Portugal, João de Solerio, conego de Herfordia. Fallecendo o deão, foram executores os dois.

Em 31 de março de 1363 Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Cheleiros, fez em Belmonte, sua residencia, testamento escripto e assignado pelo tabellião de Cintra Rodrigo Esteves, e por este testamento instituiu a capella de S. Silvestre na egreja de S. Miguel de Alcainça, para n'ella ser sepultado junto a seu pae, legando bens muito importantes para o cumprimento dos encargos que determinou.

Na crasta da Sé de Lisboa, em 17 de dezembro de 1379, o tabellião da cidade Martim Amado, por ordem e auctoridade do vigario Guilherme Carbondal, fazendo alli audiencia com os conegos Gonçalo Dominguez e Affonso Annes, prior de Santo Estevão, e João Gil, procurador da audiencia do bispado, deu o traslado d'este testamento, que se achava em poder de Martim Affonso, mestre escola, para o que tinha sido citado a apresental-o em juizo, a pedido do prior de Alcainça, pelo seu procurador Martim Pirez; visto que a elle, seu constituinte, pertencia fazer cumprir as disposições do dito testamento, pela expressa determinação do testador «rogo ao Priol dalcainça que seia requeredor para se comprir esto que eu mando, e haja em cada hum anno por seu afam trinta soldos e se o não acuzar nem requerer não lhos dem, e morrendo todolos do meu divido, ou não sendo pertencentes para ello leixo o carregio dello ao Priol dalcainça que o haja de auer, e comprir todo esto que eu aqui leixo.»

O prior Affonso Estevez, em 18 de junho de 1405, pediu ao tabellião de Mafra, Martim Affonso, a publica forma do traslado; pois «que o dito estromento era uelho e lixozo, e que se temia de o não poderem cedo ler, ou de o perder per fogo, ou agoa, ou per outra couza» e lhe foi dada a publica forma em «Mafora no adro da egreja da dita villa sendo em conselho Joanne Annes e Gonçalo Annes alvazis ordinarios» e testemunhas presentes Gonçalo Estevez e Lourenço Dominguez moradores na villa, e Affonso Dominguez morador no Outeiro.

Mas em 16 de maio de 1426, na claustra da egreja cathedral de Lisboa, fazendo alli audiencia João Paes, mestre em direito canonico e vigario geral do arcebispo D. Pedro, foi apresentado por Gonçalo Froes, morador em Mafra, um outro testamento

de Vicente Annes Froes, feito tambem em Belmonte a 6 de dezembro de 1356, pelo tabellião de Cintra Nuno Martins «escritto em perguaminho são e sem alguma suspeição salua que no comesso nas primeiras duas regras era Razo que senão podia bem ler» e visto em audiencia este testamento, o procurador do cabido, Gonçalo Martins, fez saber que o dito instrumento pertencia ao cabido, ou d'elle cumpria haver o traslado para conservação do seu direito, ao que se não oppoz Gonçalo Froes, e pelo tabellião de Lisboa, João Gonçalves, foi extrahida para o cabido a publica forma em um publico instrumento, sendo testemunhas Martim Affonso e João Vasques, escrivães; Joanne Anes, procurador; e Pero Carriho, inquiridor da dita audiencia.

Quem seria este Gonçalo Froes, que veio apresentar ao cabido um testamento sem valor; porque tinha sido annullado pelo de 31 de março de 1363? Naturalmente, pelo appellido, algum descendente da familia d'aquelles que tinham sido desherdados; pois que dizia o testador «arredo todos meus irmãos, primos, sobrinhos de todos os meus bens, e os lque comigo hão deuido com cinco soldos especiasmente arredo Esteuão Pirez de torres uedras e seu irmãos meus sobrinhos por muito nojo que fiserão.»

A apresentação foi de certo para enredar os administradores dos bens da capella de S. Silvestre em Alcaínça e do morgado da quinta do Arneiro em Torres Vedras, já instituidos. Porém o cabido não devia ter tomado conhecimento d'este testamento, por quanto em 17 de dezembro de 1379 já tinha sido apresentado em audiencia na Sé, como se viu, o testamento válido, por ser a sua «postrimeira uontade.» Mas n'este testamento, ainda que sem valor, o testador ordenava ao testamenteiro «que mantenha tres capellães na sé de Lisboa, e dê ao cabido de Lisboa em cada hum anno sincoenta e seis liuras pera tres aniuersarios e isto faça em cada hum anno pera sempre, e fasendo o elle assim aja minha benção» legado que o ultimo testamento não mencionava, e não era coisa, que, em questão se deixasse perder, e por tanto ficou a copia em poder do cabido «pera guarda e conseruação do ditto seu direito» e para ter valor «en juiso e fora delle assy como o proprio original» e tanto assim que, o prior de Alcaínça, João Lourenço, requer a copia d'este testamento, pois «que a elle pertencia auer o traslado do ditto estromento pera a ditla igreja e pera guarda e conseruação do ditto seu direito» e em publica audiencia, na claustra metropolitana da cidade de Lisboa, Luiz Anes, vigario geral do arcebispo D. João, mandou dar em 10 de maio de 1455 a publica forma por João Duarte, vassallo d'el-rei e seu publico tabellião na cidade, para o que antes foi ouvido o procurador do ca-

bido, Alvaro Anes, quartanario, que disse «não auia embargos e que lhe praseria de lhe ser dado» o traslado ao qual foram testemunhas Gomes de Paiva, escrivão; Jorge Anes, porteiro das audiencias ecclesiasticas; João Pires e Pedro da Crus, procuradores.

E n'esta enredada questão de testamentos, os administradores da capella de S. Silvestre em Alcaínça, e do morgado da quinta do Arneiro em Torres Vedras, foram sobnegando, aforando e vendendo bens, até que el-rei D. Manuel mandou em 1498, pelo doutor Alvaro Fernandes, fazer o tombo dos bens da quinta do Arneiro, e entregar a administração d'elles a João Froes, escudeiro, parente mais chegado do instituidor, visto andar alheada, e em 1499 mandou por João Vaz, corregedor e sobre juiz da casa do civil, e João Diaz, escrivão, atambar todos os bens, como bens da corôa, incluindo os da capella e os da quinta, completando-se em 1506 o tombo, em separado, dos bens do Arneiro.

Pelo anno de 1594 era administrador da capella e da quinta o prior de Alcaínça, Diogo de Abreu, que trazia tudo usurpado, e dissipou os bens, vendendo terras, emprazando casaes, e deu a capella de S. Silvestre a Miguel Vaz Brandão, e a quinta do Arneiro ao irmão Lourenço Vaz Brandão.

El-Rei D. Philippe II sabendo que muitos dos bens de capellas andavam alheados e sobnegados, e não se cumpriam inteiramente os encargos e obrigações, que os instituidores tinham deixado, poz termo, ordenando em seu alvará, passado em Lisboa a 4 de outubro de 1619, que o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, com os dois adjuntos nomeados pelo regedor da justiça, procedessem ao tombo de todos os bens de capellas, com a declaração de que, ás pessoas que as possuíssem sem titulo, faria mercê d'ellas em suas vidas, vindo manifestal-as no praso de dois mezes, residindo na cidade de Lisboa, e quatro mezes para as que vivessem fóra pelos mais logares do reino, e que executassem suas sentenças sem admittir manifestação aos bens das capellas, que já estivessem julgadas pertencentes á corôa.

Pelas sentenças de 26 de agosto de 1621 e 30 de setembro de 1624 contra Miguel Vaz Brandão, foram declarados por nullos os prazos e alheações feitas, e sequestrados os fructos das propriedades, e novamente julgados bens da corôa, mandando incorporar e fazer o tombo de todos os bens com novas medições e confrontações, determinando-se pela ultima sentença de 1624 que, a capella de S. Silvestre em Alcaínça e o morgado da quinta do Arneiro em Torres Vedras, eram instituições diversas, e que podiam ter diferentes administradores; porque Vicente Annes Froes, antes de instituir a

capella de S. Silvestre, tinha feito doação inter vivos a seu sobrinho, Alvaro Domingues, da quinta do Arneiro para andar em morgado e com a obrigação de um capellão perpetuo na egreja de Alcaíça.

E n'esta ultima sentença, de 30 de setembro de 1624, quando declara a divisão dos administradores dos bens, declara tambem, que se revoga «a clausula da primeira sentença, que referia ser a dita quinta do Arneiro annexa á capella, por ser posta por enleio de um testamento nullo antigo que não tinha vigor.» E assim ficou resolvida a questão dos dois testamentos de Vicente Annes Froes.

(Continúa)

ASCENSÃO VALDEZ.

PLINIO (O NATURALISTA) E A LUSITANIA

Tenho por muito interessante uma excursão de vez em quando atravez uma obra antiga, um d'aquelles livros de gregos e romanos, repositórios da velha sciencia, onde tantas vezes apparecem noticias, allusões ao paiz hispanico-occidental. Seria bom serviço um exame demorado de todas essas antigas fontes. Eu tenho trabalhado n'esse campo, e treladei para vulgar muitos trechos de Estrabão, Plinio, Mella, Plutarcho, etc., que correm impressos.

Outros d'esses trabalhos conservo-os ineditos. Mas além dos grandes trechos, dos capitulos inteiros referentes á peninsula hispanica, topam-se nos auctores antigos allusões, referencias accidentaes, noticias suggeridas por idéas associadas, por factos approximados, ás vezes muito interessantes em diferentes pontos de vista.

Nem só nos geographos e historiadores antigos; nos litteratos, nos grammaticos tambem se encontram allusões ou noticias curiosas.

Na extensa e monumental obra de Plinio, o naturalista, apanhei n'uma leitura rapida algumas noticias; é bem possivel que mais contenha; mas vou aproveitar já este apontamento.

Liv. 8, § 67. — Trata-se de solípedes. Elle allude ás famosas eguas da Lusitania. Conhece na peninsula duas raças de cavallos *thieldons* e *asturcons*, sendo estes mais pequenos.

Nas moedas ibericas apparece frequentemente o cavallo, e ainda hoje nos brasões de algumas terras portuguezas. O cavallo peninsular, curto, grosso, pescoço curvo, em tempo de romanos era vulgar tambem na Gallia meridional. No museu de S. Germain en Laye ha esculpturas, altos relevos, onde apparece o mesmo cavallo. Eu acho isto muito curioso, até para a historia do solípede na peninsula e em Portugal. O cavallo do Terreiro do Paço tem

o mesmo typo, e sabe-se que elle é, com ligeiras modificações artisticas, a copia de um cavallo da raça d'Alter.

Os solípedes tem nos ultimos tempos augmentado de corpo; talvez se possa dizer nos dois ultimos seculos. Póde avaliar-se da estatura dos cavallos pelo *excesso* da perna do cavalleiro, e ainda em pinturas, tapeçarias, estatuas do seculo XVI nós vemos a perna do cavalleiro exceder muito a linha inferior do cavallo.

Disse-me o sr. Salomão Reinach, em S. Germain en Laye — «A rainha Isabel visitando ha tempos este museu, ao ver estes cavallos, disse logo que eram de raça hespanhola»; e teve razão, viu bem. Ora esses relevos são do sul da França e do tempo do dominio romano. E' claro que tem entrado sangue de varias raças cavallares; de modo que ao ver esses antigos testemunhos, relevos, nas moedas, etc., e o cavallo de bronze do D. José, parece concluir-se que ha tendencia e reversão a um typo de solípede proprio do paiz.

Mas voltemos ao Plinio.

Liv. 8, § 73. — Lans de Hespanha, e especialmente a lan de Salacia (Alcacer do Sal) na Lusitania — *Quas natives appellant aliquot modis Hispania... et quam Salacia scutulato textu commendat in Lusitania.* — *Scutulato textu* póde traduzir-se em *xadrez*. Note-se que na idade media, em Portugal, ainda havia, e vulgar, a manufactura de tecidos enxadrezados. Lan de Salacia parece-me que seria a que ía de Salacia ou fabricada alli; os arabes tiveram tambem tecelagens celebres ao sul do Tejo, em Beja por exemplo. Ainda hoje se fabricam lans no Alemtejo; as mantas do campo de Ourique (Garvão, Castro Verde, etc.) que conservam um cunho bem antigo, não são em xadrez, são em faixas, mais ou menos largas, brancas e escuras, os tons naturaes da lan.

(15, § 4). — Azeitonas. — *Sunt et superbae... sunt et praedulces per se tantum siccatae, uvisque passis dulciores, admodum rarae in Africa, et circa Emeritam Lusitaniae.* — E' possivel que a azeitona soberba e extraordinariamente doce, então se encontrasse limitada á região de Merida, que ainda hoje produz bella azeitona de comer. Hoje a região da bella azeitona grada, soberba, abrange Elvas, Olivença e vae até Sevilha.

(15 — § 30). — Cerejas, *cerasi*; na Belgica preferiam as lusitanas! *in Belgica vero lusitanis!* Mas isto suppõe uma somma enorme de factos! que antiguidade terá a arboricultura! os romanos já conheciam as variedades de cerejas que hoje temos; é os belgas, os cellicos da Belgica, já tinham provado de todas e preferiam as da Lusitania!

(22, § 3.) — Tinturaria: a famosa *gran* da Lusitania. *Atque ut sileamus Galatiae, Africae, Lusi-*

taniae granis, coccum imperatoris dicatum paludamentis. É o kermes vegetal produzido pelo *quercus coccifera*. L., reservado ás cotas d'armas dos generaes.

(33, § 21). — Ouro nas areias do Tejo: *fluminum ramentis ut in Tago Hispaniae*. E' n'este capitulo que elle se refere extensamente ás operações mineiras e metallurgicas. Eram extraordinarios os trabalhos de exploração no tempo de Plinio; na Asturia, na Galliza e na Lusitania os jazigos e filões de quartzo aurífero eram atacados por milhares e milhares de pobres operarios. E era antiga, diz Plinio, era já de muitos seculos esta exploração e esta fertilidade — *Vicena millia pondo ad hanc modum annis singulis Asturiam atque Gallaeciam et Lusitaniam praestare quidam prodiderunt, ita ut plurimum Asturia gignat. Neque in alia parte terrarum tot saeculis perseverat haec fertilitas*.

A meu ver deve ser muito velha a exploração mineira; pondo de parte os recentissimos instrumentos de trabalho, a machina de vapor, etc., os processos de exploração de hoje foram já usados pelos romanos; e que somma de trabalho, que longo soffrimento para chegar a esses resultados. No territorio, hoje portuguez, já em tempos prehistoricos se abriam minas, se cosiam fornadas e se martellavam minerios.

Os *escoriaes* (alguns são collinas extensas de milhares de metros cubicos) são frequentissimos.

No Minho, nas Beiras, no Alemtejo ha vestigios d'esses colossaes trabalhos, montanhas perfuradas de galerias e caboucos, enormes fojos escavados, porque em muitos pontos lidaram* a céu aberto. Uns notaveis tanques que ha na Tourega, e perto de Estremoz, foram, a meu ver, destinados a tratamento de minerio, talvez de cobre, pela via humida, como ainda hoje se pratica.

Em outro trecho (l. 24, § 47) nos apparece tambem citada a Lusitania, a proposito da produção do chumbo — *Nunc certum est, in Lusitania gigni et in Gallaecia*.

Allude-se, como a fabula ou a lenda velha e fallaz, ao que diziam os gregos, de que o tiravam das ilhas do oceano Atlantico, e de que o traziam em barcas de vimes forradas de coiro *vitilibusque navigiis circumsulis corio advebi*. Recordemo-nos dos barcos de sobreiro achados em lameiros das Britannicas.

Liv. 37, § 9. *Cristal*. — Cornelio Boccho conta que na Lusitania se acham blocos de cristal, de peso admiravel, cavando nos montes de Ammaia poços até o nivel das aguas. *Cornelius Bocchus et in Lusitania, perquam mirandi ponderis Ammaensibus jugis, depressis ad libramentum aquae puteis*.

Parece-me possivel que se alluda aqui ás nota-

veis cavernas da serra de Marvão, vestidas de admiraveis e singulares quartzos crystallinos.

Haverá uns trinta annos entraram e devastaram uma gruta, a alguns kilometros de Marvão, que produziu grande quantidade de stalactites, stalagmites, géodes, arborisações, raizes revestidas de quartzo crystallino, de fórmas mui singulares. O achador andou com a collecção em exposição pelo paiz; esteve muito tempo aqui em Lisboa, n'uma casa proxima do passeio publico, hoje Avenida, logo no comêço, do lado oriental.

Cornelio Boccho, aqui citado, é escriptor conhecido e subsistem inscripções que se lhe referem (de Troia, *Cetobriga*, e de Alcacer do Sal, *Salacia*).

RELATORIOS A' CERCA DA BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores. — Em sessão da assembléa geral celebrada em 18 de dezembro do anno proximo pasado, tivemos a honra de apresentar a esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, um relatorio em que demos conta do estado da bibliotheca até áquella data, demonstrando em um mappa junto o seu desenvolvimento. N'esse relatorio mencionamos além de 509 obras catalogadas, varias outras, de apreço scientifico e merito artistico, jornaes, gravuras e estampas que se achavam por catalogar, e ainda o não estão por motivos justificaveis que não nos permittiram dispor de tempo applicavel a esses trabalhos, não merecendo menção o seu pequeno adiantamento.

É por isso que limitamos o presente relatorio, que nos cumpre apresentar hoje á Real Associação, a uma succinta demonstração, no mappa appenso, das publicações recebidas, com destino á bibliotheca d'esta associação, no decurso que vae de 18 de dezembro de 1892 até ao presente, e que mais tarde devem ser descriptas no catalogo geral com as devidas indicações, e grupadas pelas materias de que tratam.

Constam essas publicações de 33 volumes e 99 folhetos e fasciculos, sendo algumas interrompidas na regularidade das suas remessas, e não avolumando a nossa bibliotheca pelo seu pequeno numero, e principalmente por fazerem, algumas d'ellas, parte de obras já alli existentes; entretanto encontram-se entre ellas bastantes de subido merito e que serão sempre consultadas com prazer e proveito por aquelles que se dedicam ás sciencias.

E' dever de gratidão recordar que as publicações recebidas são, na sua maioria, devidas ao favor e interesse que esta Real Associação tem sabido merecer ao estado, a associações scientificas, nacio-

naes e estrangeiras e aos cavalheiros seguintes: srs. Gabriel Pereira, Rocha Dias, Ascensão Valdez, Cavalleiro e Sousa, dr. Lino de Macedo, Antonio Padula, Joaquim José Lapa e Alfredo da Cunha, que elaborou e leu em sessão solemne d'esta Associação o elogio historico de Sua Magestade o Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro II, notavel trabalho que se encontra archivado na nossa bibliotheca; bem como os numeros 3:954 e 3:968 do jornal *O Seculo* de 29 de janeiro e 12 de fevereiro, em que se dá uma interessante noticia do Museu do Carmo e da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em dois artigos devidos á apurada penna do nosso presado collega o sr. Guilherme de Sousa.

Tambem temos, com referencia ao corrente anno e até ao presente, as collecções completas do *Diario do Governo*, *La Semaine des Constructeurs* e o *Journal of Proceedings*.

E' para sentir que a exiguidade dos meios de que dispõe a bibliotheca, não permita, por enquanto, a aquisição de algumas obras que é muito para desejar a venham enriquecer; porém temos confiança, que com tempo, boa vontade e sobretudo a valiosa coadjuvação dos nossos illustrados socios, tudo se conseguirá. São esses os nossos sinceros votos.

Sala das sessões da Real Associação, 24 de novembro de 1893. — O conservador da bibliotheca, *Visconde da Torre da Murta*.

Mappa demonstrativo das publicações adquiridas para a Bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde 18 de dezembro de 1892 até 24 de novembro de 1893

Designação das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Observações	Designação das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Observações
Boletins da direcção geral de agricultura de 1891.....	3 -	Exemplar em duplicado.	Commercial de Lisboa em abril de 1893.....	22 36	Em duplicado.
Ditos do anno de 1892.....	11 -		Annali d'ella Società degli Ingegneri e degli Architecti Italiani.....	1	
Inquerito industrial de 1890 .	1 -		Ati del Collegio degli Ingegneri e degli Architecti in Palermo — 1891 a 1893.....	3	
Boletim da Sociedade de Geographia, o n.º 12 da 10.ª série do anno de 1891.....	1 -		Annali d'ella Società degli Ingegneri e degli Architecti Italiani — Buletino, 1 de março a 15 de agosto de 1893...	12	Fasciculo iv de 1892 e 1.º e 2.º de 1893.
Dito da XI série do anno de 1892	12 -		Union Ibero Americana.....	5	
Indice e catalogos da bibliotheca	1 -		Resumen d'Architectura.....	2	De 1892 e 1893 interrompidos e truncados. N.º 11 e 12 do anno de 1892
Congrès archéologique de France— Séances générales tenues à Evreux en 1889.....	1 -		The Royal Institut of British Architects — Kalender 1892-1893.....	1	
Annales de la Société Académique d'Architecture de Lyon.	1 -		Revista de la Sociedad Guatemalteca de Ciencias.....	5	Interrompidos. Em hollandez.
Société Central des Architectes Français — Annuaire pour l'année de 1893.....	1 -		Atlas de numismat.ª neerlandeza	3	
Idem — Bulletin—Comptes rendus annuels de l'exercice 1892..	1 -		O Problema medico-legal no processo Urbano de Freitas.	1	
Les reclus de Toulouse sous la Terreur.....	1 -		Documentos respectivos á conferencia a que se procedeu para examinar o relatório toxicologico relativo ás materias suspeitas de Mario Guilherme Augusto Sampaio. .	1	
Académie des Inscriptions et Belles-Lettres—Comptes rendus des séances de l'année 1892.....	1 -		Centenario do Descobrimento da America — Memorias da commissão portugueza.....	1	Offerecido pelo sr. Gabriel Pereira.
Idem — Bulletin de Septembre — Octobre 1892.....	1 -		E-meraldo de Situ Orbis, por Duarte P. Pereira — Edição do centenario da descoberta da America por C. Colombo....	1	
Idem — Bulletin de Mars — Avril 1893.....	1 -		Noticia da nau S. Gabriel em que Vasco da Gama foi a primeira vez á India.....	1	Idem.
Les Matinées Espagnoles.....	5	Interrompidos.	Estudos Eborenses — Evora e o Ultramar.....	1	
Quatrième centenaire de la découverte de l'Amérique, 1492-1892 — Rapport sur les travaux du comité de la Loire-Inferieure.....	1 -		Estudos Eborenses — As Caca-das — 2ª parte: O Lobão..	1	Idem.
L'Alliance Scientifique.....	1 -	É um só numero, e não continuou a remessa.	Elenco dos livros, mappas, etc., enviados á secção portugueza da Exposição de Madrid...	1	
Smithsonian Rapport, de 1890.	2 -			29 72	
Revista da Sociedade Central dos Architectos.....	10	Falta o n.º 6.			
Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes.....	1	Pertence ao volume 2.º			
Annuario do Gremio Artistico relativo a 1892-1893.....	1				
Representação dirigida ao governo de S. M. pelos preparadores do Instituto Industrial e					
	22 36				

Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações	Designação das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Observações
	29	72			30	83	
Catalogo da Secção Marítima portuguesa na Exposição de Madrid em 1892.....	-	1	Offerecido pelo sr. Gabriel Pereira.	e a sua obra, por Alfredo da Cunha.....	1	-	Offerta do auctor.
Apontamentos Historicos — Recopilados por José Joaquim d'Ascensão Valdez.....	-	1	Dois exemplares offerecidos pelo auctor.	Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira, pelo dr. Lino de Macedo...	1	-	Offerta do auctor.
Architectura Religiosa — Um quadro da Virgem, pintado pelo evangelista S. Lucas, por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.....	-	1	Offerta do sr. Rocha Dias.	Relatorio e contas da gerencia do anno de 1891-1892, apresentado pela direcção da Associação Auxiliadora da Missão Ultramarina, etc.....	-	1	Offerta da direcção.
As armas do senhor D. Affonso Henriques e a Jornada d'Africa, por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.....	-	1	Idem.	A eleição de Thomar — Alienação publica pelo conde de Burnay.....	-	1	
A circumnavegação d'Africa, por Cavalleiro e Sousa....	-	1	Offerta do auctor.	A Confederação de Tamoyos — Poema por Domingos José Gonçalves Magalhães.....	1	-	
Uma visita á Exposição Universal de Paris, por Cavalleiro e Sousa.....	1	-	Idem.	Catalogos em diferentes idiomas sobre archeologia, architectura, geographia, ethnographia prehistorica, mythologia, numismatica, epigraphia, etc., e sobre obras de escriptores latinos.....	-	15	
Numa Pompilio e il misterio d'ella Ninfa Egeria, por Antonio Padula.....	-	1	Offerta do auctor.	Diario do Governo — Collecção completa desde dezembro de 1892 até ao presente....	-	-	
A Vénézuéla, por Antonio Padula.....	-	1	Idem.	Seculo n.ºs 3:951 e 3:968 de 29 de janeiro e 12 de fevereiro de 1893.....	-	-	
L'Idée Cristiana nell'Educazione, por Antonio Padula....	-	1	Idem.	Journal of Proceedings — Collecção de 1893.....	-	-	
Cenni Biografici su Gianvincenzo Gravina, por Antonio Padula.....	-	1	Idem.	La Semaine des Constructeurs — Collecção de 1893....	-	-	
In Morte di S. M. Vittorio Emanuele II, Re d'Italia — com traducção em francez, por Antonio Padula.....	-	1	Idem.	Galicia Diplomatica — Oito numeros interrompidos.....	-	-	
Paginas de Pedra, por Joaquim José Lapa.....	-	1	Em duplicado — Offerta do auctor.				
Eduardo Coelho — A sua vida	30	83			33	100	

Senhores. — No decurso do presente anno continuou esta Real Associação a receber obras e publicações nacionaes e estrangeiras, posto que em menor numero do que nos annos anteriores, como é sabido dos seus socios a quem sempre foram presentes por occasião da celebração de assembléas geraes; por isso dispensamo-nos de as mencionar aqui, apresentando-as conjunctamente com outras que formam a segunda série do catalogo da nossa bibliotheca e vão indicadas no mappa junto, que faz parte d'este singelo relatorio.

Sem intenção de especialisar nenhuma das corporações que nos obsequiaram com a offerta das suas publicações, consignando-lhes aqui, como interpretes do reconhecimento d'esta Real Associação, a sincera homenagem do nosso agradecimento, não podemos deixar de fazer menção da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, que sempre e com pontual regularidade tem enviado para a nossa bibliotheca o seu boletim, e ainda outras publicações de não menos apreço e attenção.

Figuram n'esta segunda série do catalogo obras, que avolumam e enriquecem a nossa bibliotheca, offerecidas pelos seguintes membros d'esta Real Associação: Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fer-

nando, de saudosa memoria, que a dotou com um bello volume, numero um da *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa* em 1882, album de phototypias, de que só se tiraram vinte exemplares numerados, e os senhores: Possidonio da Silva, Zephyrino Brandão, Rocha Dias, Gabriel Pereira, Cavalleiro e Sousa, padre Patricio, Pereira Caldas, Lino de Macedo, Joaquim José Lapa, Joaquim José Pinheiro, Ascensão Valdez, Santos Firmo, Armelim Junior, Joaquim d'Araujo e José Augusto Coelho, que offereceu os *Principios de Pedagogia* em 4 volumes, obra de grande interesse e merito pela forma e sabio criterio com que o auctor trata uma questão de tão subida importancia e alcance.

Dos socios offerentes estrangeiros figuram os nomes dos senhores: Schaaffhausen, Charles Lucas, barão de Bouglon, Antonio Padula, Barr Tarree, Chauvet e dr. Pierre Hospital. A todos, em nome d'esta associação, tributamos a expressão da nossa gratidão.

Adquirimos para a bibliotheca, como foi deliberado em assembléa geral, a obra do sr. Oliveira Martins — *Vida de Nun'Alvares* —. O nome d'este fecundo escriptor e o assumpto são sobejamente recommendação da obra, interessante para todo o portu-

guez que preza os vultos historicos da patria, e especialmente para esta Real Associação, que estabeleceu a sua séde á sombra d'estas venerandas ruinas, restos vetustos que attestam a piedade do grande Condestavel.

Igualmente adquirimos a *Ribeira de Lisboa*, pelo sr. visconde de Castilho, que tambem se recomenda pelo nome d'este mimoso poeta, pela sua escriptura investigação e primor da descripção com que o auctor pinta um meio a que nos transporta e identifica.

Foi com particular satisfação que archivámos o primeiro numero do tomo vii da 3.^a serie do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, que finalmente reapareceu, graças á illustre commissão encarregada da sua publicação, e não menos aos proficuos esforços, trabalho e sabia direcção do seu membro e nosso presado e erudito socio o sr. Gabriel Pereira, sempre zeloso e solícito em servir a associação.

Com prazer registamos outra publicação da Real Associação: a *Biographia do socio fundador, architecto e archeologo o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, elaborada e lida em sessão solenne celebrada em 17 de junho do corrente anno, pelo nosso prestante socio o sr. Costa Goodolphim. O illustre biographo, em phrase aprimorada e vivo colorido, põe em relevo, com verdade e sem lisonja, os dotes elevados e serviços prestantes do nosso venerando presidente, tecendo-lhe os devidos e merecidos elogios.

Em o nosso relatorio de 18 de dezembro de 1892 demos conta de 509 obras e publicações que se achavam catalogadas até áquella data, e a essas acrescentamos hoje 181, indicadas no mappa junto n.º 1, a que acima nos referimos, e comprehendem: architectura, archeologia, historia, anthropologia, numismatica, artes, bibliographia, agricultura, publicações da associação e variedades, escriptas nos seguintes idiomas: portuguez, latim, hespanhol, francez, italiano, allemão e hollandez. É para sentir que muitas estejam incompletas, especialmente as publicações periodicas, taes como o *Diario do Governo*, que só pudemos completar desde julho de 1890 até 31 de outubro proximo passado; o *Journal of Proceedings*, a *Semaine des Constructeurs*, *Building News*, *Builder* e outros a que faltam numeros, e muitos, bem como illustrações; sendo ainda assim numerosas as estampas e gravuras que possuímos d'estas duas ultimas publicações; por isso que da primeira archivámos 1:073 e da segunda 1:567, que formam uma interessante e curiosa collecção. Finalmente todas as faltas, e são numerosas, acham-se notadas no catalogo.

Resta-nos mencionar 329 estampas, lithographias, photographias e gravuras archivadas, comprehen-

dendo assumptos de architectura, vistas de Portugal, projectos de monumento a Sua Magestade o Senhor D. Pedro IV, retratos, um livro com desenhos e aguarellas, reproducção d'um desenho da caravela que se presume ter sido do infante D. Henrique, encontrado na Universidade de Liège em um manuscrito em pergaminho da era de 1410, uma photographia, em duplicado, da celebre faca de mato, modelada pelo notavel artista Raphael Zaccarias da Costa; uma planta do Real Paço da Ajuda, um plano hydrographico da costa de Loanda e um panorama orographico da cidade e arredores de Milão, tudo designado no mappa n.º 2.

Temos esperanza que no futuro anno sejam mais numerosas as aquisições para a nossa bibliotheca, e fazemos votos para que ella prospere e atinja proporções dignas d'uma associação scientifica e notavel como é a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Edificio do Carmo, 18 de novembro de 1894. — O bibliothecario, *Visconde da Torre da Murta*.

N.º 1

Mappa demonstrativo das obras e publicações catalogadas no presente anno de 1894, suas materias, numero de volumes, folhetos, fasciculos e mais publicações, apresentado conjunctamente com o relatorio do conservador da bibliotheca em sessão de assembléa geral celebrada em 18 de novembro de 1894

Designação das mat'rias	Numero de							
	Obras e publicações	Volumes	Folhetos e fasciculos	Manuscriptos	Publicações periodicas e outras	Illustradas	Atlas	Encadernadas
Architectura	31	68	35	-	8	7	4	3
Archeologia	19	15	17	1	-	7	1	1
Historia	42	114	45	-	-	7	-	1
Anthropologia	5	-	5	-	-	-	-	-
Numismatica	1	-	-	-	-	-	4	1
Artes	16	14	12	-	1	1	-	1
Bibliographia	3	1	64	-	-	-	-	-
Agricultura	2	23	-	-	2	-	-	-
Publicações da associação	2	-	2	-	-	2	-	-
Variedades	60	16	73	1	9	9	-	4
<i>Somma</i>	181	251	253	2	20	33	9	11

N.º 2

Mappa demonstrativo do numero de gravuras, estampas e lithographias, photographias, desenhos, planos, plantas e panoramas pertencentes á bibliotheca da associação, apresentado com o relatorio do conservador em sessão de assembléa geral celebrada em 18 de novembro de 1894

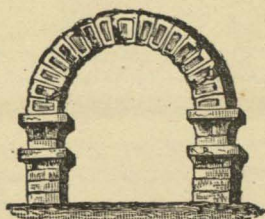
Designações	Numeros
Gravuras	76
Estampas e lithographias	69
Photographias	177
Desenhos	2 ¹
Retratos	2
Plantas	1
Planos	1
Panoramas	1
<i>Somma</i>	329

¹ Sendo um livro com desenhos e aguarella.

AS NOSSAS GRAVURAS

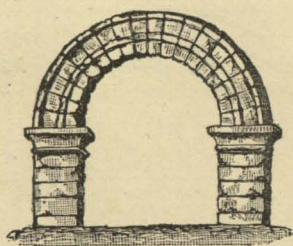
Portas romanas de Beja

Nos primeiros annos do presente seculo estavam ainda de pé tres portas da muralha romana da cidade de Beja, a gloriosa *Pax Julia*. Chamavam a essas portas de Aviz, de Evora e de Mertola; isto



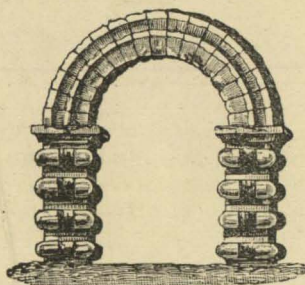
Porta de Mertola

quer dizer que eram as saídas para estradas que levavam a essas povoações; ainda que se pôde reparar nas designações Aviz e Evora; porque a estrada para norte de Beja, que ia a Evora, deveria



Porta de Evora

ser caminho também para Aviz. O que é certo é que são estes os nomes que davam aos tres arcos no começo do nosso seculo. As *necessidades da civilização*, o *anceio do embellezamento urbano*, tal-



Porta d'Aviz

vez o muito transito impozeram o bota abaixo a esses monumentos. E a cidade perdeu tres joias de altissimo valor. A que mais resistiu foi a porta de Mertola, que eu ainda vi de pé.

Existem os desenhos, felizmente, feitos por mão habil e sincera, e offerecidos ao illustre bispo de Beja, Cenaculo, depois arcebispo de Evora. Conser-

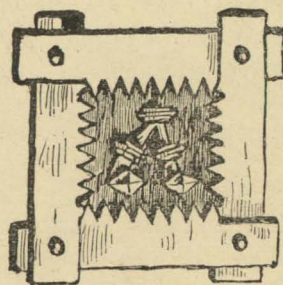
vam-se com muitos outros desenhos de antiguidades de Beja e da diocese pacense, na bibliotheca de Evora.

Tinham os arcos semicirculares, os classicos arcos romanos. Na porta de Mertola a silharia era singela, apenas com um almofadado rudimentar. Na de Evora havia uma dupla moldura. Na de Aviz uma só moldura, mais larga e trabalhada; n'esta os silhares das fortes hobreiras eram em almofadas mui salientes, cortadas na frente por meias canas.

Em Evora conserva-se a porta romana, vulgarmente chamada arco de D. Izabel, no lanço norte da antiga cerca.

A empreza da infanta D. Brites

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, na collecção dos manuscriptos, ha muitos codices importantes no ponto de vista archeologico. Um de taes, é o n.º 885, *Antiguidades de Beja*; tem algumas aguadas nada primorosas artisticamente, mas de incontestavel valor, porque me parecem ingenuas, verdadeiras; copias de inscrições lapidares, a celebre



torre de D. Diniz, monumental construcção, com a parte superior completa, etc. Entre essas aguadas vem uma representando o enigmatico brasão ou empreza da infante D. Brites; um Y estylisado, moldurado por quatro folhas de serra, fortemente dentadas, e sobrepostas nos extremos.

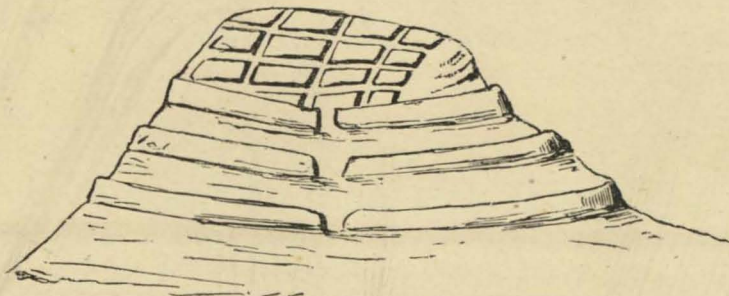
Uma vista antiga da Citania

No *Specimen antiquitatis a Josepho Laurentio do Valle* (Genuae, MDCCXCI) exemplar pouco vulgar, pertencente á bibliotheca de Evora, encontra-se um desenho da Citania de Briteiros, feito no seculo passado, de que a nossa gravura é fac-simile. É tosco o desenho, mas interessante; elle indica que ha um seculo ainda se conservavam

bem distinctas as tres cercas e suas entradas; e nitidamente mostra que na cerca interna existiam ruas que se cruzavam.

As descobertas do nosso socio laureado, dr. Mar-

tins Sarmiento, de Guimarães, revelaram a existencia de ruas lageadas n'aquelle povoado, as tres muralhas, etc. Mas as edificações antigas da Citania são circulares e não quadradas.



O ARCHITECTO BOYTACA

Do nosso assignante, ex.^{mo} sr. D. José Pessanha, recebemos a copia de um interessante documento que se refere ao architecto Boytaca e á construcção de uma torre em *Restelo Velho*. Esta carta, assignada Lourenço Fernandes, e escripta em Belem, não tem infelizmente a designação do anno.

Senhor: Como quer que meu servyr seja sempre enformações e cartas nom dej..... merçee em mym ter tamanha e porventura maior servydor que ho que..... mais tem e que ho tempo me nom desse lugar mostral o prazera..... jmda nesta pouca ydade que fica dar me poder pera merecer h..... sempre em vosa merçee pera mym senty. Dejxo, senhor, ho mais pera se em *hobras* (?) de me servyço mostrar; e digo, senhor, que huuns amygos (*de*) mestre boytaca disserom agora aqui que el rrej mandava por elle pera que lhe vyesse fazer huma torre em Restelo velho, que certo, senhor, he muy neçesarea, e a quem lh o contrayro parecer, se pasara as hafrontas que depois que aqui estou pasej, vira a neçesydade d'ela, que deixo de dezer por lomgura e por, em alguma parte, ser meu louvor, senhor, ha-lem d estar aqui como frontejro porque crea que em nom menos me vejo muytas vezes em afronta, que por mym, com ajuda dos meus e regestida por servyço de su alteza, que, se a torre y ouvesse, non pasara; alem de poder vyr cousa ou parte d ela, como agora vemos que com ajuda e mostra d ela feeta poder e sescamisso seria pera este porto e cidade em muyta parte. Ho que mais nysto cabe, nom e d escrever; soamente, senhor, pedir vos por merçee faça palavra a su alteza, quando vyr tempo, que, por estar aqui e ter lhe algum merecimento, non quejra mandar a outrem fazel a; porque, alem de mais lhe aproveitar sua fazemda que todos outros que aqui estiverom, como he notorio a todos, e sempre em todo mais que me foy encomendado fyz, mande praticar comygo, nom sendo baram¹ e vera sse soom pera lh a mandar fazer como ho que mylhor pera ysso s achar; e, sse asy nom for, nenhuma coussa m encomende; e, se su alteza nom ouver por seu servyço ter lhe d isto carrego, — por aqui estar, se a outrem a mandar fazer, fyco em alguma

quebra, por..... desfalecer mynha omrra; soo reverencia e poder de R. peço primeiro me mande d aqui tirar; nom por que me de bata..... rrego, — porque hem sej quam menos he do que em mym cabe; mas..... aqui estou e os neçios sam mais que os avysados jmfamar por ho poobo da patria; que, ajmda que em mym nom ha nenhuma..... groria la cabe..... (?) nas coussas que alguna quebra dam. *Su alteza* (?) avera huun ano que me mandou aqui que lhe mandasse la..... huuns seisçentos sylhares; e, porque eu tinha lavrados aqui *huuns* 9 octoçentos, lembre lh o vossa merçee porque podera ser que os quejya (*sir*)..... esta torre nom vy que nysto mais paça porque por ho que confyo..... ndo que em vossa merçee for por me fazer merçee seja em. ... endo me, senhor em sua merçee, cujas mãos beyjo. De belem.... o 1 de dezembro.

LOURENÇO FERNANDES.

O CASTELLO DA FEIRA

Encontro uma descripção poetica d'este famoso castello, n'um livro de versos intitulado: *Emma ou a esperança e a tumba, com as cartas de Silvano e Lilia, seguidas de outras poesias* (Porto, Typ. Commercial, 1843, in-8.º). O auctor, Nuno Maria de Sousa Moura, tenente de cavallaria, não era grande poeta, valha a verdade; mas o aspecto severo d'aquellas muralhas impressionou-o muito, e resultaram umas dezenas de quadras d'essa suggestão; e nós registaremos aqui, como que formando um album de litteratura archeologica, alguns dos versos de Sousa Moura. A composição intitula-se: *O Castello da Feira*.

Salve, soberbo gigante
.....
Dize-me de que serviram
Estes baixos corredores!
.....
Esta poço quadrilongo,
Quem lhe descia as escadas?
E p'ra que? D'elle só contam
Incantamentos e fadas!

Dizem que no fundo escuro
Habitam m uras formosas
Que veem assoulhar thesouros
Só em manhaus milagrosas!

¹ Oito — diz um summario antigo.

Eu vou aproveitando apenas a parte descriptiva, porque Sousa Moura conheceu o castello melhor conservado do que actualmente.

A bôca d'uma cisterna,
Vê se alli no pavimento!
Da terra e pedras a encheram
A perversidade e o vento!

.....
O senhor d'este Castello
E suas cativas bellas
Habitaram lá no alto,
Onde estão as tres janellas,

A do sul inda tem grade,
E dois assentos tambem!

.....
Uma porta aqui... Entramos
Escadas de caracol,
Pelas esguias setteiras
Cruzam-se os raios do sol.

.....
Outra porta! Um passo ávante,
Eis o espaçoso eirado!
Uma torre em cada canto,
D'altas ameas cercado!

.....
E das pontagudas torres,
Nos estreitados postigos,
Se acclamaram as victorias,
Se espreitavam os perigos!

Como se vê, o auctor dá idéa da ruina. A' impressão de respeito causada pelo castello em abandono, succede logo a de espanto pela destruição vandalica commettida em tempos modernos:

As ameas que aqui faltam
P'ra que foram derribadas?
Para escarneo do passado
Além remendam calçadas!
.....
Dê-se aos vândalos do seculo
A mais severa lição.
Sem ella serão em breve
Nossos templos arrasados,
Os mortos escarnecidos,
Os santos despedaçados!

E quantas ruinas a mais de 1843, data do livro, para cá! Ha falta de juizo e de respeito; chega a ser espantoso como n'este paiz se carece de espirito conservador dos monumentos, e se não veneram os restos dos mortos.

Nos paizes dos grandes progressos e das constantes e violentas luctas, ha mais espirito conservador. A Hespanha mesmo, *tão nossa risinha*, tem sabido conservar mais e melhor do que nós.

CONTUCCI «O SANSOVINO» EM PORTUGAL

O famoso architecto e esculptor italiano veio a Portugal a instancias de João II; e aqui se demorou de 1491 a 1500. Eis o trecho do Vasari que se refere á estada em Portugal do eminente artista do renascimento italiano:

— Per queste, e per l'altre opere d'Andrea, divulgatosi il nome suo, fu chiesto al magnifico Lorenzo vecchio de' Medici, nel cui giardino avea, come si è detto, atteso a gli studj del disegno, dal re di Portogallo, perché mandatogli da Lorenzo, lavoró per

quel re molte opere di scultura, e d'architettura, e particolarmente un bellissimo palazzo, con quattro torri, ed altri molti edifizj. Ed una parte del palazzo fu dipinta, secondo il disegno, e cartoni di mano d'Andrea, che disegnó benissimo, come si può vedere nel nostro libro in alcune carte di sua propria mano, finite con la punta d'un carbone, con alcun'altro carte d'architettura benissimo intesa.

Fece anco un altare a quel re, di legno intagliato, dentrovi alcuni profeti. E similmente di terra, per farle poi di marmo, una battaglia bellissima, rappresentando le guerre, ch'ebbe quel re con i Mori, che furono da lui vinti; della quale opera non si vide mai di mano d'Andrea la più fiera, né la più terribile cosa, per le movenze, e varie attitudini de' cavalli, per la strage de' morti, e per la spedita furia de' soldati in menar le mani.

Fecevi ancora una figura d'un S. Marco di marmo, che fu cosa rarissima.

Attese anco An' d'Andrea, mentre stette con quel re, ad alcune cose stravaganti, e difficili d'architettura, secondo l'uso di quel paese, per compiacere al re, delle quali cose io vidi già un libro al Monte Sansovino, appresso gli erede suoi, il quale dicono, che é oggi nelle mani di maestro Girolamo Lombardo, che fu suo discepolo, ed a cui rimase a finire, come si dirá, alcune opere cominciate da Andrea; il quale essendo stato nove anni in Portogallo, increndogli quella servitú, é desiderando di rivedere in Toscana i parenti, e gli amici, deliberó, avendo messo insieme buona somma di danari, con buona grazia del re tornarsene a casa. E cosi avuta, ma con difficultá, licenza, se ne tornó a Fiorenza, lasciando chi lá desse fine all'opere, che rimanevano imperfette. Assinato in Fiorenza, cominció nel 1500 un s. Giovanni di marmo... (pag. 168 e 169 do *Tomo secondo* das «Vite de' più eccellenti pittori, scultori e architetti» da Giorgio Vazari...) (Roma, 1759) in *Vita d'Andrea dal Monte Sansovino*, Andrea Contucci). —

Nada se tem conseguido averiguar ácerca das obras do Sansovino em Portugal. O sr. Haupt julga que o palacio de quatro torres deve ser o do marquez de Alvíto.

Ha no paiz algumas esculpturas da renascença italiana; nenhuma attribuível a A. Contucci.

Para nós a passagem mais interessante do trecho é a que allude á arte especial do paiz; cousas extravagantes e difficeis de architectura, segundo o uso d'aquelle paiz (note-se bem), e que elle fez por comprazer ao rei. Sansovino esteve aqui nos ultimos annos de João II e primeiros de D. Manuel.

O PROGRAMMA DO ULTIMO CONGRESSO DA SOCIEDADE FRANCEZA DE ARCHEOLOGIA

Com o fim de mostrar aos nossos confrades o numero e complexidade das questões archeologicas, publicamos o programma do ultimo congresso realisado pela *Société française d'Archéologie*.

Os 20 artigos d'esse programma comprehendem

importantes assumptos; alguns são susceptíveis de grande desenvolvimento. Applicados a uma determinada região, como se fez n'este congresso, formam uma inventariação completa das antiguidades, uma historia da civilisação perfeitamente documentada. O Congresso reuniu-se em La Rochelle (a sede é diversa todos os annos), e por isto se tratá especialmente do departamento da Charente inferior.

PROGRAMME

1. État des études archéologiques dans le département de la Charente-Inférieure depuis cinquante ans. — Donner une vue d'ensemble des principaux travaux accomplis soit par les Sociétés savantes, soit par les particuliers.

2. Découvertes préhistoriques dans le département de Charente-Inférieure.

3. Étudier les *finés* des peuplades Santones et des peuplades limitrophes.

4. Signaler les monuments romains mis au jour depuis cinquante ans dans l'Aunis et la Saintonge, et notamment les découvertes constatant l'importance de Saintes aux époques gauloise et romaine.

5. Déterminer le nombre, l'importance et la direction des chemins gaulois et des voies romaines en Aunis et en Saintonge.

6. Étudier les piles, leur forme, leur destination.

7. Étudier et décrire les cimetières gaulois, romains, mérovingiens et ceux du moyen âge.

8. Décrire les principaux monuments d'architecture religieuse de la région (diocèses de Saintes et de La Rochelle) aux différentes époques et en indiquer les caractères particuliers.

9. Signaler les particularités archéologiques des lanternes des morts, des cavaliers au portail des églises, des zodiaques, etc.

10. Étudier et décrire les principaux châteaux féodaux et de la Renaissance, et les édifices civils des villes et des campagnes.

11. Déterminer le caractère et la date des caves, chapelles souterraines, et souterrains creusés ou utilisés au moyen âge ou à la Renaissance en Saintonge et en Aunis. — Dans quelles circonstances les souterrains ont-ils servi pour la défense ou l'approvisionnement des habitants?

12. Signaler les hôpitaux, maladreries, léproseries et les chemins de Saint-Jacques.

13. Étudier les œuvres des artistes de la région et de ceux qui ont habité le pays et y ont laissé de leurs œuvres.

14. Étudier l'influence exercée sur les arts en Aunis et en Saintonge par les Anglais, aux différentes époques de la domination anglaise.

15. Signaler l'emploi du bois au moyen âge et à la Renaissance dans la construction des maisons.

16. Décoration et mobilier des édifices religieux et civils. — Signaler les verrières, peintures murales, tapisseries, objets d'orfèvrerie, meubles, etc., conservés dans la région, soit dans les églises et les monuments publics, soit dans les collections particulières.

17. Étudier la construction et l'aménagement des ports, les fortifications du littoral, les phares.

18. Archéologie navale. Faire connaître les différentes espèces de navires de guerre et de commerce construits dans les ports de l'Océan depuis l'antiquité jusqu'à la fin du xvi^e siècle. — Décrire leurs formes, analyser les documents pouvant fournir des renseignements sur leur construction, leur aménagement, leurs équipages et leurs navigations.

19. Étudier les différentes industries locales au moyen âge et jusqu'à la Révolution: exploitation des carrières, fabrication des poteries et des faïences, verreries, industrie vinicole, eaux-de-vie, raffineries, tonnellerie, fabrication des étoffes de laine et de fil, salines, pêcheries, élevage des huîtres et des moules, etc. — Faire connaître les conditions de fabrication, les règlements et statuts, les prix de façon et de vente, ainsi que les débouchés des produits de ces industries.

20. Épigraphie, campanographie, numismatique et sigillographie. — Indiquer les inscriptions curieuses, faire connaître les monnaies et les médailles ainsi que les sceaux concernant l'Aunis et la Saintonge, restés inédits jusqu'à ce jour.

O LEGADO DE THEODORO DA MOTTA AO LYCEU DE LISBOA

O nosso fallecido socio effectivo, Theodoro da Motta, que por muitos annos foi professor de desenho no lyceu de Lisboa, fechou a sua util carreira com uma instituição que será animadora para as artes graphicas. Como homenagem a tão levantado intuito transcrevemos a parte do testamento que se refere a este ponto:

«Inscreve tambem o legado de 1 conto de réis, em dinheiro corrente n'esta cidade, para que seja capitalisado como o lyceu entender, e o respectivo juro em cada anno seja dividido em partes eguaes pelos tres annos do curso geral de dezenho, a fim de em cada anno haver um premio de vinte mil réis, que vem a ser igual, ou correspondente ao que recebem os alumnos mais distinctos na academia de bellas artes; o qual premio será conferido aos alumnos matriculados na aula de dezenho, sendo um no 1.^o, outro no 2.^o e outro no 3.^o anno, que durante o anno lectivo tiverem tido mais assiduidade, bom comportamento, distincção, e sendo auctorizado para exame pelo seu respectivo professor.

«Como a frequencia do 1.º anno dá a passagem para o 2.º, o alumno d'esse anno, para obter o premio, deve fazer no fim do anno lectivo um exame pratico, segundo os trabalhos que fez durante esse tempo, exame que deve ser feito no mesmo dia e na mesma occasião, por todos os requerentes, sendo o trabalho premiado collocado na aula em exposição até ao anno seguinte pelo menos.

«No 2.º e 3.º annos, seguir-se-ha em tudo como no 1.º anno, advertindo que os concorrentes a premio ficam separados dos mais alumnos que fizerem exame no mesmo dia e forem classificados entre si».

O benemerito e distincto professor diz no seu testamento que este legado representa apenas «uma lembrança da sua estada no lyceu, onde trabalhou com muito gosto e interesse durante trinta annos, no desempenho do seu curso e no aperfeiçoamento dos seus queridos discipulos.»

ELVAS

Elementos para um dictionario de geographia e historia portugueza. — Concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando por Victorino d'Almada. — Elvas, Typ. Elvense, de Samuel F. Baptista, Tom. I; 1888. Tom. II; 1889. Tom. III; no prelo.

Vastissimo repositório de subsidios para o estudo da historia patria e cuja impressão bem merecia que fosse feita por conta do Estado. Tem o 1.º tomo 505 paginas, e o 2.º 559; 8.º Ambos comprehendem as noticias que o seu illustrado, consciencioso e modesto auctor subordinou á letra A.

Em especial consideramos, sob o ponto de vista archeologico, muito dignos de attenção os artigos sobre a provincia do Alemtejo, aqueducto da Amoreira, Amuletos, Antas, Armas ou brazões, secção archeologica (na camara elvense), e o que se occupa da biographia do sr. Antonio Thomaz Pires, por conter a enumeração dos trabalhos que tão illustre folklorista tem dado á estampa.

O artigo *Annaes d'Elvas* faz referencia a um livro de 791 paginas, que deixou manuscrito de seu proprio punho o desembargador dr. José Avelino da Silva e Matta, e que se intitula: *Annaes d'Elvas; ou apontamentos historicos para a topographia elvense; ou breve descripção physica, politica e historica da nobre e sempre leal cidade d'Elvas, dedicada e offerecida a seus patricios, em testemunho da mais distincta e particular estima de seu auctor, o dr. José Avelino da Silva e Matta, commendador da ordem de Christo, juiz de direito da comarca d'Estremoz.*

Chegou ainda a imprimir-se d'esta obra uma folha de 4 paginas em quarto (Elvas, typographia da *Voz do Alemtejo*, 1860); mas por transtornos typographicos e falta de assignaturas não proseguiu a publicação.

Sem espaço para mais detida analyse do valioso trabalho do sr. Victorino d'Almada, acompanhamol-o sinceramente no desejo de levar a cabo o seu utilissimo empreendimento.

R. DIAS.

CORRESPONDENCIA

Cher Président et illustre ami. — Il paraît que la découverte que j'ai faite, dans un manuscrit de notre bibliothèque, d'une caravelle dessinée d'après nature par un artiste fort habile qui travaillait vers l'an 1415, a la plus grande importance pour les spécialistes. Ce qui avait attiré mon attention sur cette représentation d'un esquif maritime dont on reconnaît toute la configuration était que j'avais cru comprendre de l'une de vos précieuses lettres, que pour le monument à ériger à l'immortel Infant de Portugal, Dom Henri le navigateur, il était question de représenter le genre de navire, perfectionné à l'Institut de Sagres, qui servit aux grandes découvertes géographiques activées par le noble Infant portugais. Je me croyais d'autant plus en présence d'un dessin exact, qu'outre les moindres détails prouvant que l'artiste avait vu son modèle, je remarquais la bannière de l'Ordre du Christ sur le drapeau flottant au dessus du château du navire. J'ai donc fait photographier cette intéressante image et l'ai joint à ma dissertation complémentaire sur un sujet, assez mal traité jusqu'aujourd'hui, faute de documents contemporains complets, la caravelle de l'Infant Dom Henri. Ma longue étude du manuscrit de Khalaf Abul'Cassem, ne me laissait aucun doute sur la date que j'assigne au dessin. Depuis que, grâce à votre protectrice et bienveillante intervention, j'ai pu avoir l'honneur d'offrir à Sa Majesté le Roi de Portugal mes recherches historiques et mes conclusions sur la grande œuvre de l'Infant Dom Henri le navigateur, j'ai songé à faire contrôler un détail — celui de la caravelle — par un savant espagnol, officier de marine, qui s'est fait une spécialité de l'étude des navires du xv^e siècle. J'ai donc envoyé un second petit exemplaire de la photographie à Mr. le commandant Duro; et il a trouvé ma découverte si précieuse pour l'histoire maritime, qu'il a de suite fait reproduire le dessin du manuscrit de Liège dans la Revue espagnole: «*Revista de navegación y comercio*» numéro du 30 avril 1894 (año vi, num. 132). L'auteur y ajoute un commentaire savant, exaltant fort ma trouvaille dont j'avais été si heureux d'offrir la première à votre auguste Souverain. Comme probablement on s'occupe encore du piédestal de la statue de Dom Henri, je vous adresse, en même temps que ces lignes, deux nouveaux exemplaires de la reproduction du dessin qui peut aider l'artiste qui exécutera le monument. Comme Président de la chère association royale des architectes et antiquaires du Portugal, à laquelle vous avez bien voulu m'affilier, vous en userez de la façon la plus propice à mon désir sincère de voir un jour la noble statue de l'immortel Infant dont j'ai si avidement étudié la grande œuvre, si glorieuse pour le Portugal, si féconde pour le progrès de la civilisation.

Veillez toujours, bien cher et illustre ami, croire à mes sentiments de vive gratitude et de profonde estime. — Eugène M. O. Dognée. — Liège, 20, place des Carmes. — 16 mai 1894.

Ill^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a honra de participar a v. ex.^a que na casa n.º 30, loja, do beco de S. Vicente, d'esta capital, existem uns azulejos muito antigos, em perfeito estado de conservação.

N'elles se encontram braços d'armas, que não tenho tido tempo de estudar.

A casa, que está muito arruinada, pertence, segundo me informam, ao ex.^{mo} sr. conde de Casal Ribeiro.

N'ella habita uma familia pobre, minha conhecida, que não tem duvida em mostrar-a a quem de-sejar vel-a.

Talvez não seja difficil conseguir que o ex.^{mo} sr. conde offereça taes azulejos ao Museu Archeologico.

Na rua do Salvador, d'esta capital, existe uma lapide com uma inscripção antiga, regulando a passagem dos coches, liteiras, etc.

Muito conviria obtel-a para o referido Museu.

N'esta freguezia de Santa Engracia acaba de estabelecer-se uma fabrica de *vitreaux*, a primeira que ha em Portugal.

Lembro-me de recommendal-a á Real Associação, da qual v. ex.^a é mui digno presidente e fundador.

Peço desculpa a v. ex.^a de não ter ha muito assistido ás sessões por motivo de serviço.

Deus guarde a v. ex.^a — Real e Parochial Egreja de Santa Engracia de Lisboa, 28 de maio de 1894.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — O socio effectivo, mons. *Alfredo Elviro dos Santos*.

Ex.^{mo} sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.^a, com destino á bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a que v. ex.^a tão dignamente preside, a obra intitulada — *Principios de Pedagogia* — de que sou auctor.

Tendo o tratado, a que me refiro, por fim apresentar ao publico, quer uma theoria geral da educação humana, quer a maneira como o ensino deva ser organizado na familia, na escola infantil, na escola primaria e na escola secundaria ou media, isto é, como deva organizar-se a nossa instrucção geral e encyclopedica, parecerá, á primeira vista, descabida uma tal offerla, pois que pensar-se-ha serem diversas — a indole da associação a que v. ex.^a preside e a indole da obra que me atievo a offerecer-lhe; cumpre, porém, notar o seguinte: que, devendo abranger o ensino encyclopedico da mocidade todas as manifestações fundamentais do espirito humano no que tem de mais geral, em todas as bibliothecas terão cabimento obras destinadas a occupar-se de tão levantado como importante assumpto; que, por isso mesmo, no plano geral dos *Principios de Pedagogia* houve o cuidado de introduzir uma secção contendo as leis geraes da esthetica philosophica (tomo 1.^o, pag. 270 e seg.) — principios que, constituindo a base das bellas-artes em geral, virão a constituir, em particular, as bases das noções architectonicas; que, considerando-se a instrucção primaria e secundaria d'um ponto de vista elevado, lá se introduziram, como objecto de ensino, as leis destinadas a disciplinar as faculdades estheticas do homem e, portanto, o que ha de mais fundamental em relação ao espirito e composição das bellas-artes em geral e da architectura em particular (tomo 3.^o, pag. 418 e seg.); que, finalmente, ao considerar-se a sociologia como a coroa de toda a instrucção geral e encyclopedica, lá se inclue, como indispensavel, a apresentação, aos alumnos dos lyceus, da evolução geral dos productos artisticos e, portanto, architectonicos (tomo 4.^o, pag. 169 e seg.)

Como v. ex.^a vê, a obra que tomo a liberdade de

offerecer á bibliotheca d'essa benemerita associação, dando tão eminente lugar, no ensino primario e secundario, á especialidade de que ella se occupa ou antes a uma das especialidades que lhe absorvem os seus cuidados, terá, ousa crê-lo, no seu seio, um lugar apropriado; por outro lado, v. ex.^a verá, com olhos de sincera estima, uma tentativa philosophica que tão altamente proclama a necessidade de levar até ás massas profundas da população as noções fundamentais d'uma arte que v. ex.^a tem amado com tanto ardor na sua longa e prestantissima carreira; por outro lado ainda, honrado, ha já annos, por essa associação com o titulo de socio correspondente — titulo que tão altamente aprecio, cumpro o grato dever de lhe apresentar o fructo d'um trabalho — modesto pelo valor intrinseco, mas de algum preço pelo longo e intenso esforço de concepção que representa.

Deus guarde a v. ex.^a — Lisboa, 20 de junho de 1894.

Ex.^{mo} sr. presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — *José Augusto Coelho*, socio correspondente.

La Rochelle le 18 juillet 1894.

Monsieur et très vénéré président. — Je suis très heureux de vous adresser le numéro du journal «La Charente Inférieure» qui a publié le procès-verbal de la séance du 13 juillet de «l'Académie des belles lettres, sciences et arts de La Rochelle, Société des sciences naturelles reconnue établissement d'utilité publique» dans laquelle j'ai lu votre biographie traduite en français par M. Samuel Meyer, mon neveu.

Ce procès-verbal a été également imprimé par «Le Courrier de La Rochelle» «l'Echo Rochelais» et «Le Journal des Débats» de Paris.

Veuillez agréer, monsieur et très vénéré président, l'hommage de mes sentiments les plus respectueux d'homme dévoué.

Meschinot De Richemond, membre honoraire de l'Association Royale des Architectes Civils et des Archéologues Portugais.

Bordeaux, le 26 juillet 1894.

Bien vénéré maître et très honoré collègue. — Je viens de recevoir votre belle biographie qui fait le plus grand honneur à la typographie portugaise et je suis, on ne peut plus, reconnaissant de cet envoi qui me donne une preuve bien précieuse de votre bienveillant souvenir.

J'ai lu, sans m'arrêter un seul instant, toute l'exposition de votre vie et de vos travaux et j'applaudis de tout cœur la péroraison de votre biographe.

Il a pourtant oublié de dire combien il est rare de voir un savant conserver, malgré les années, la même ardeur aux recherches, la même intelligence du bon et du bien, le même zèle a poursuivre la réalisation du progrès.

Autant que notre Chevreul, et notre Pasteur, vous avez été et vous êtes un de ceux-là et ce sera votre sure gloire en même temps qu'une foule de monuments élevés par vous conservera à jamais la mémoire de votre nom.

Je vais essayer de la rappeler ici en parlant de la démonstration dont vous venez d'être le héros. Notre société en sera prochainement avisée et nous

espérons bien vous revoir à Bordeaux en 1895 pour le 2.^e congrès, chez nous, de l'Association française pour l'avancement des sciences.

Je vous adresse, comme hommage respectueux, un exemplaire de mes recherches sur l'âge du bronze, en Gironde. Je ne puis soumettre mon œuvre à un auteur plus compétent.

Acceptez-le comme un remerciement de votre très respectueux collègue.

Monsieur le chevalier da Silva, président de la Société des architectes et archéologues portugais, membre honoraire de la Société archéologique de Bordeaux, etc.

Dr. E. Berthon, secrétaire général de la Société archéologique de Bordeaux et ancien président de l'Académie des Sciences, Belles lettres et arts de la même ville.

Coimbra, 31 de julho de 1894.

Ex.^{mo} sr. e amigo. — Com os meus sinceros votos pela preciosa saúde de v. ex.^a, as minhas não menos sinceras felicitações pela solemne consagração, feita pela nossa Real Sociedade, dos innumerados e relevantissimos serviços que desde tanto tempo vinha recebendo do seu venerando presidente. Pagou uma divida, e mais e mais se ennobrecer por esta publica e solemnissima confissão do seu amor pela justiça. Em telegramma opportunamente enviado ao ex.^{mo} conde de S. Januario me associei a essa tão sympathica como justa manifestação.

Hontem remetti a v. ex.^a pelo correio os 2 volumes da *Historia da Rainha Santa Izabel*, publicada pelo dr. Ribeiro de Vasconcellos, cuja assignatura tinha tomado por ordem de v. ex.^a Peço-me diga se recebeu. Se por qualquer circunstancia, não quizer a obra, pôde devolver-m'a pela mesma via.

Sempre de v. ex.^a — Amigo, att.^o, ven.^{dor} e cr.^o obrigadissimo, *Ricardo Simões dos Reis*.

Il.^{mo} e ex.^{mo} sr. e meu venerando amigo. — Recebi a biographia de v. ex.^a coordenada pelo eximio collega e confrade Costa Goodolphim, com uma soberba gravura. Beijo as mãos pela oferta, que vae occupar o lugar de honra na minha livreria, por muitos e justificados motivos.

Não agradecei logo, porque um rheumatismo pertinaz me retinha no leito, e me torturava dia e noite; agora vou melhor, e me apresso a tomar a penna para o agradecimento.

O narrar a vida de varões illustres foi tarefa a mais importante entre os povos mais cultos da antiguidade, e digna de todos os Plutarchos.

Gloriosa corôa esta que cinge a fronte de tão benemerito e infatigavel archeologo e architecto, o verdadeiro fundador da sciencia prehistorica no nosso paiz, que sem a alavanca de v. ex.^a ainda teria como credo as patranhas de Pinho Leal.

Honra pois ao sabio mestre, ao cidadão emerito e ao artista trabalhador e patriota!

Permita-me que deponha a minha mais respeitosa homenagem como discipulo constante e admirador muito grato.

Releve-me v. ex.^a este tardio mas sincero testemunho do que me vae na alma, que desejava ter occasião de significar.

Com o mais profundo respeito me subscrevo de v. ex.^a — Discipulo grato e dedicado.

Vianna (Ponte da Barca) 31 de julho de 1894. — *Luiz de Figueiredo da Guerra*.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Muito agradeço a v. ex.^a o relatório da ex.^{ma} commissão dos monumentos nacionaes e o numero do Boletim da sociedade a que v. ex.^a dignamente preside.

Tenho o prazer de communicar, que a 1.^a sala do «Museu archeologico lapidar — Infante D. Henrique» erecto nos paços do concelho, se acha definitivamente organizada, contando na sua collecção alguns monumentos verdadeiramente classicos, principalmente epigraphicos.

Com summo louvor para a ex.^{ma} camara municipal — que de limitadissimos recursos dispõe — se cuida já da ordenação da 2.^a sala, onde, entre outras peças, figuram elementos de primeira ordem — taes como um monumento votivo consagrado pela «Republica Ossonobense» ao imperador Domicio Aureliano; o qual brevemente será acompanhado pela celebre inscripção lapidar votada á *Fortuna*, pelo *sevir Primitivus*, com referencia a jogos athleticos, combates nauticos, etc.

O primeiro é inedito; e o seu calco em pouco será remettido á ex.^{ma} sociedade.

Aproveito o ensejo de pedir venia para lembrar a alta conveniencia de ser nomeado, sem perda de tempo, um delegado da ex.^{ma} commissão dos monumentos nacionaes; em quanto não houver pessoa mais competente, preste-me eu da melhor vontade.

Sob este ponto de vista, esforcei-me pelo desentapamento de uma interessante janella ogival gêmea com *trifolium*, cujos caracteres architectonicos accusam o segundo periodo da ogiva; e bem assim me empenhei por identica reconstituição em uma dita de lanceta, na capella fronteira á primeira, em a Sé cathedral, de que sou modesto conego fabriqueiro; e não perco de vista esta ordem de serviços. Assim vae, com effeito, ficando em relevo a parte mais architectonicamente importante d'este edificio religioso.

Reconheci que a janella ogival, a que me refiro, foi violentamente intrusa em mais edosa construção — que me parece ser romano-bysantino da transição para o ogival, com adaptações que ainda supponho mais antigas — talvez mesmo, visigodas.

Deus guarde a v. ex.^a — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. presidente da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Faro, 14 de dezembro de 1894. — Monsenhor conego *Joaquim Moniz Pereira Botto*, conservador do Museu archeologico lapidar — Infante D. Henrique.

EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 24 DE NOVEMBRO DE 1893

Hermann Schaaffhausen. Foi presente uma biographia d'este notavel archeologo, escripta pelo sr. J. Ranke, com uma minuciosa noticia bibliographica dos seus muitos trabalhos.

Socio effectivo. Foi eleito socio effectivo o sr. Augusto Ribeiro.

Seemans. Voto de sentimento pelo fallecimento do dr. C. Seemans, que foi director do museu de antiguidades de Leide.